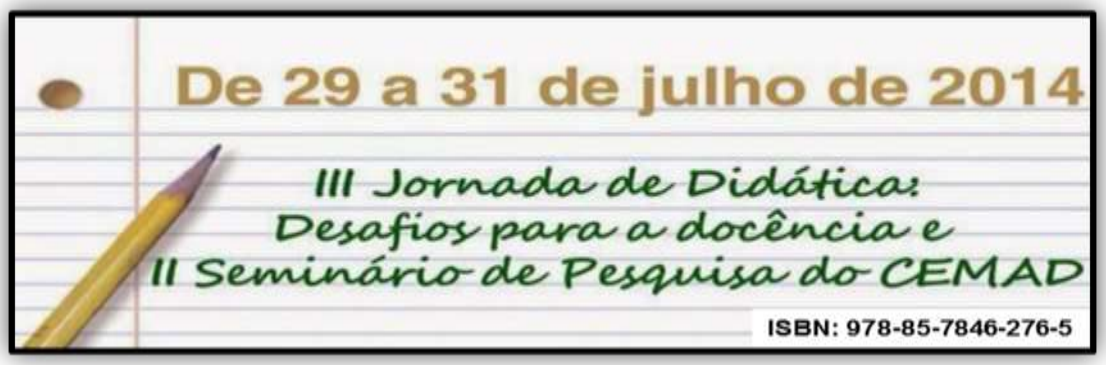

SABERES E FAZERES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DO MEMORIAL DESCRITIVO DA DISCIPLINA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UEL

Paulo César Nogueira
Universidade Estadual de Londrina
sacerpaulo@gmail.com

Marta Regina Furlan de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina
mfurlan@uel.br

Eixo temático: 1. Didática e Práticas de Ensino na Educação Básica

Resumo

Este texto tem o objetivo geral de apresentar o memorial descritivo das aulas referente à disciplina de "Saberes e Fazeres na Educação Infantil" do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina. Os encontros semanais realizados no primeiro semestre do ano letivo de 2014 permitiu-nos desenvolver, pelo processo do registro e memorial de aula, reflexões acerca dos saberes docentes e do trabalho pedagógico com crianças entre 0 a 5 anos na educação infantil. A ementa da disciplina envolveu discussões sobre: currículo, planejamento e avaliação na educação infantil. Ainda, os pressupostos teórico-metodológicos para a educação da criança de 0 a 5 anos. O fazer pedagógico nas instituições de Educação Infantil. Organização do tempo e do espaço. Áreas do conhecimento na perspectiva do Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI). Nesse sentido, através de aulas expositivas, atividades orientadas em grupo e individual, discussões, leituras e roteiro de estudo de textos, pode-se compreender o processo de formação e atuação do professor de educação infantil, sendo que este necessita de um trabalho intencional e comprometido com a aprendizagem e o desenvolvimento do sujeito criança.

Palavras-chave: Educação Infantil. Saberes Docentes. Prática Reflexiva.

Introdução

Esse texto tem o propósito de desenvolver uma análise reflexiva do conhecimento apropriado na disciplina de "Saberes e Fazeres na Educação Infantil"

do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina, em que teve como objetivos discutir sobre as possibilidades de organização do tempo e do espaço da Educação Infantil; conhecer diferentes tipos de planejamento e maneiras de organizar previamente as ações, tendo em vista a intencionalidade educativa e a continuidade do trabalho pedagógico; refletir sobre o processo de avaliação na Educação Infantil e, ainda, compreender as diferentes áreas do conhecimento na perspectiva do Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil.

Diante disso, acreditamos que essa disciplina no Curso de Pedagogia tem sua importante contribuição, uma vez que torna-se uma das ferramentas didáticas indispensáveis para a prática do professor com crianças de 0 a 5 anos de idade. Desde o currículo até a organização dos espaços, se fez presente a reflexão sobre o papel do professor e de sua responsabilidade em desenvolver um trabalho efetivo e intencional com as crianças a ele confiadas.

Em se tratando da discussão sobre o currículo na educação infantil, podemos inferir que este se bem elaborado, leva em conta a faixa etária, o contexto, as características e os ritmos de cada criança, sem ser algo estático, fixo e determinado para todos de modo único ou inflexível. O planejamento vai na mesma direção; o professor reflexivo comporá os momentos de ensino-aprendizagem de maneira intencional e comprometida, com clareza de ideias, sabendo onde pisa e o que é mais importante para o desenvolvimento e aprendizagem do educando. A avaliação será feita de modo crítico, com bom senso (considerando a maturidade biológica e cognitiva das crianças); não pode ser algo de punitivo, que amedronte as crianças, impossibilitando-as de progredir no conhecimento e sim algo de construtivo e estimulante.

Como pressupostos teóricos elencamos, por meio da perspectiva histórico-cultural, a concepção de infância e de educação infantil, bem como o processo de humanização da criança, sendo que esta contribui para sua aprendizagem e seu desenvolvimento; perguntamo-nos: de que professor precisamos para a educação infantil hoje? Como ele elabora o planejamento tendo como foco a atividade ou a criança? Preocupamo-nos com o tipo de organização espacial que se tem, como as crianças de adaptam ao tempo e ao espaço, de que modo lidam com as diferentes linguagens, qual a intencionalidade e concepção pedagógica e educativa se fazem

presentes nesse contexto. São todos eixos teóricos e metodológicos que norteiam nosso estudo.

Para orientar a reflexão da prática docente referendamo-nos nas áreas do conhecimento presentes no RCNEI: Linguagem Oral e Escrita, Matemática, Natureza e Sociedade, Artes Visuais, Música e Movimento; sabemos da importância desses diferentes tipos de linguagem para favorecer a formação social, pessoal e de conhecimento de mundo por parte da criança.

Esse foi o trajeto proposto durante o semestre pelo programa da respectiva disciplina, com muitas possibilidades de discutir cada tema e de trabalhar os textos propostos, individual e coletivamente. A interação em sala, tanto com a professora, quanto com os colegas, ajudou a delinear o caminho para a prática reflexiva docente a partir do ponto de vista histórico cultural, bem como de uma metodologia e teoria pautadas na dialeticidade.

Saberes Docentes na Escola Infantil: reflexões a partir do memorial descritivo

Em se tratando da disciplina e do caminho percorrido por professora e alunos, pudemos pelo processo da análise e reflexão, levantar algumas questões que se fazem importantes no processo de aprendizagem e conhecimento na área de educação infantil.

No que diz respeito às aulas ministradas na disciplina, estas foram fundamentadas pela Teoria Histórico-Cultural, teoria essa que “(...) vê o ser humano e sua humanidade como produtos da história criada pelos próprios seres humanos ao longo da história (...)” (MELLO, 2007, p. 86).

Durante o desenvolvimento das aulas, pode-se discutir sobre a concepção de infância, de educação infantil e sociedade contemporânea. Nessa discussão, pudemos perceber que a infância nessa perspectiva teórica, se constitui como um dado social, sendo que a individualidade se constrói pelas interações sociais. Não cabe falar de evolução da criança e sim da transformação desta, conforme suas condições culturais, sociais e históricas. Assim, não podemos oferecer qualquer coisa a ela. Há vários aspectos que permitem sua transformação, como: o contexto familiar, o modo que é educada na sua liberdade, criatividade e imaginação, como

está se relacionando com os pais, que precisam ser referência para ela, qual o contato com o brinquedo e com a brincadeira, quais os gostos que experimentam e o que podemos aprender com elas (pois ela tem acesso ao conhecimento, não vem vazia para a instituição escolar).

Algumas frases nos questionam quanto à concepção de infância. Uma delas: “Bebê só come e dorme”. Não é verdade. O bebê já nasce com potencial para seu desenvolvimento, que é percebido mês a mês. Ele vai se transformando gradativamente pelos estímulos que recebe. As etapas de desenvolvimento não podem ser vistas como tabu, pois cada criança tem seu ritmo e sua singularidade; não é apenas o educador que influencia; também a família, as outras crianças e o contexto em que ela se encontra proporcionam possibilidades para seu aprendizado. Quando a criança é ativa, faz escolhas, brinca e aprende a ser autônoma ela garante um processo de interação que a transforma de modo eficaz e seguro.

Vivemos num mundo onde tudo pode ser comercializado, até mesmo a educação e a infância. Até nosso gosto é padronizado (pela comida, pela moda, pela erotização, etc.). Os profissionais, inclusive os da educação acabam presos a essa mentalidade. O contexto atual é de permissividade e de passividade dos consumidores; isso acaba afetando a escola. A sociedade nos conduz à naturalização desse tipo de comportamento. Os hábitos de nossa percepção são alterados. O que é importante fica em segundo plano, dando espaço para o supérfluo e para a manutenção do *status.* Na escola se vê essa realidade na superficialidade dos materiais: lindos, porém obsoletos, onde o conhecimento não é realmente trabalhado, pois tudo já vem formatado. Não queremos aqui demonizar esses materiais e sim incentivar os pequenos para “(...) que aprendam a utilizar esses objetos de acordo com a função social para a qual foram criados (...). Essa utilização exige que a relação das novas gerações com a cultura seja mediada (...)” (MELLO, 2007, p 87). A criança de hoje cresce mais rápido e não se percebe sua maturidade precoce. A escola vive, muitas vezes, do encantamento da beleza e do prazer financeiro; deve-se ter cuidado em equilibrar a imagem à competência de ensinar.

A criança, em diferentes contextos, problematiza as relações sociais, pois não vive sem o outro, é um ser social. Devemos influenciar pela educação e nunca

querer moldar, sabendo que a criança tem sua leitura de mundo, seus desejos, suas opiniões, sua comunicação e linguagem próprias no contato com o a realidade que a cerca. Desse modo, as qualidades humanas devem ser aprendidas com atividades que levem ao contato com a natureza e com o social, em situações que um adulto ou um parceiro mais experiente seja o mediador, percebendo a criança como sujeita do desenvolvimento e não como mero objeto, levando em conta a dialética do desenvolvimento psíquico do infante (MELLO, 2007).

Um dos grandes perigos na educação infantil é a preocupação de pais em colocar a criança em várias atividades (sem dar tempo para o brincar) para prepará-la para a vida produtiva, intencionando-se a escolarização antes do primeiro ano (mudou-se a lei e não o currículo). A escola não desenvolve as qualidades humanas, só perde tempo com coisas periféricas, fazendo a criança de "medíocre"; não se prepara para a vida. Há pais que cobram a responsabilidade dos filhos, mas eles mesmos não a possuem. Não podemos cobrar da criança maturidade antes do tempo; percebemos o encurtamento da infância (pela influência da mídia).

A condição ontológica da criança está em jogo; as crianças sabem tudo, menos ser criança. É imprescindível intervir hoje de modo significativo para amanhã termos um adulto maduro. Com a lógica do consumo temos uma desigualdade gritante; até animais são superiores aos seres humanos. Passa-se a visão de que tudo é fácil de conseguir, sem mediação. A criança está sendo vista como objeto e não como sujeito. Há o perigo da fetichização da técnica: um brinquedo caríssimo, que é "ótimo", tem "funções superiores" substitui a brincadeira criativa. Quando há a sedução da técnica há desumanização, empobrecem-se as relações; o brinquedo vem pronto e acabado, sem a brincadeira, expropriando a criatividade. O professor deve ter uma visão crítica ao trabalhar com as crianças, criando o hábito da criatividade, evitando a unificação do pensamento, garantindo o esclarecimento da criança, que aprende de modo ativo e dinâmico, em que os elementos se confluem em encontros e desencontros, ou seja, não aprende de modo linear; é por esse motivo que "(...) a cultura, o papel do professor e a atividade da criança (...) precisam ser percebidos na sua dialeticidade". (MELLO, 2006, p. 7). O professor tem a incumbência de provocar na criança as máximas qualidades, promovendo a formação do ser humano completo, integral. Para Kramer (2003, p. 10) "é preciso

assegurar o direito de brincar, criar, aprender, enfrentando os desafios de pensar a creche, a pré-escola e a escola como instâncias de formação cultural; o desafio de pensar as crianças como sujeitos da cultura e história, como sujeitos sociais".

Nessa discussão não se perdeu o foco, de análise que é o papel do professor na educação infantil. Voltando nosso olhar para o professor e seu papel, porque, seja qual for, a "(...) proposta de planejamento, na ação, vai depender, em muito, do educador: do compromisso, que tem com sua profissão, do respeito que tem para com o grupo de crianças, das informações de que dispõe, da formação que possui, das relações que estabelece com o conhecimento, dos valores nos quais acredita (...)" (OSTETTO, 2012, p. 6); procuramos responder: de que professor precisamos para a educação infantil? Encontramos várias respostas. Primeiramente porque há a concepção de que o cuidado está com todas as áreas, sem uma especificidade; porque há resistência por parte de algumas pessoas em mudar sua mentalidade a respeito do processo de ensino-aprendizagem na educação infantil. Precisamos de um profissional que seja humano, que sabe quem é e para que se constituiu como professor, tendo uma identidade sólida, comprometendo-se também em ajudar a construir a identidade da criança. Valorização do professor e incentivo para o trabalho integrado são requisitos indispensáveis nesse sentido. Importante se faz a quebra de paradigma de que o aluno vai ser de um jeito ou de outro (determinismo). O aluno é o que é, é um sujeito histórico, que se constrói a partir daquilo que vive dentro de uma diversidade cultural, respeitando sua história, dando espaço e voz para ela manifestar seus interesses, sempre com direcionamento e bom senso. "É pela discussão da infância como categoria social e histórica e das crianças como sujeitos sociais que se torna possível pensar a educação e realizá-la de forma democrática" (KRAMER, 2003, p. 13). O professor deve ser considerado um profissional de fato, não apenas como recreador ou cuidador. Temos, no discurso, a valorização do professor, avançamos em alguns campos: reestruturação de currículo (6h em sala) e melhores condições.

O trabalho docente se pauta em diretrizes filosóficas e pedagógicas, embasadas na LDB, num sistema de ensino com Projeto Político Pedagógico (PPP), Projeto de Trabalho Docente (PTD), currículo e linguagem ligada ao saber científico, pedagógico e integrador, em conexão com o fazer pedagógico intencional e

planejado. A Lei de Diretrizes e Bases de 1996 define a educação infantil como primeiro nível de ensino, sendo um campo educacional. Hoje deve haver planejamento nessa área (no caso, o “Diário”), organização curricular (conteúdos ordenados, linguagem oral e escrita, linguagem matemática a linguagem deve ser demarcada), organização temporal, calendário escolar (não perder tempo com eventos mercadológicos) para se trabalhar a motricidade e os conteúdos relevantes.

A relação do professor com a criança deve ser afetiva e comprometida; as metodologias de ensino precisam promover atividades com caráter educacional lúdico e não escolar, com avaliação diagnóstica: trabalhar novas estratégias a partir daquilo que a criança já sabe e de suas dificuldades, a partir de seu contexto, sabendo “(...) estar na relação com as crianças (e não com só alunos!), mergulhar na aventura em busca do desconhecido, construir a identidade de grupo junto com as crianças (...)” (OSTETTO, 2012, p. 6)

O saber científico se volta para a superação do senso comum. A criança tem que receber conteúdo. Para isso, o professor deve compreender o contexto social e histórico, para dar vida ao conteúdo; podem-se trabalhar curiosidades, vídeos, confecção de cartazes. Não adianta amar sem dar conteúdo metodologicamente adequado (conceitos, procedimentos e atitudes); importante inclusive é estabelecer relações interdisciplinares pelas várias áreas do conhecimento. O saber pedagógico deve favorecer a argumentação e interação entre as crianças, as deixando perguntarem, provocando-as para a reflexão, procurando dialogar com elas sempre, trabalhando com palavras diferentes e assim por diante. O conhecimento precisa ser trabalhado sem perder a realidade existencial da criança, tendo à frente o que ela sabe, como aprende, como ensina, articulando com o desafio da reflexão, da elaboração do pensamento e da pesquisa. Há necessidade de ensinar aprendizagens inovadoras, mobilizadoras do conhecimento científico. “(...) o problema está (...) no olhar a criança real, para conhecê-la e traçar projetos (...) não raro, para organizar o cotidiano recorremos ao modelo, ao ideal, à ‘criança do livro’, e então produzimos uma relação e um conhecimento didatizados, burocratizados, fechados às múltiplas vozes e linguagens (...)” (OSTETTO, 2012, p. 8).

Todo planejamento deve ter em como base a intencionalidade; não é só questão de estética e de estruturação do documento em, é também saber para

quem e para quê ele é direcionado e pensado. O planejamento deve ser dinâmico e flexível, com olhar atento à realidade. Assim, para Ostetto (2012, p. 2), “(...) um planejamento depende da visão de mundo, de criança, de educação, de processo educativo que temos e que queremos (...)”, que promova desafios, acolha os conhecimentos prévios da criança, possibilite a formação do pensamento e ofereça diretrizes pedagógicas claras das ações didáticas. O espaço deve ser humano, com diálogo e comunicação, promovendo mais a linguagem oral do que a escrita. A prática de ensinar e aprender implica intenções planejadas, mediação e problematização, saber escutar, interação e contágio, avaliar e reavaliar sua ação pedagógica, por uma prática sistematizada, bem como postura ética no exercício da docência. Não podemos deixar de lado a prática de pesquisa. Pode-se planejar,

> (...) mas contando com a real potência de sua realização. Por isso, mais uma vez, a pesquisa é fundamental (...). Tendo alicerçado seu trabalho num projeto claro, documentado, com objetivos explícitos, com pesquisa realizada, avaliação de viabilidade, em termos de plano para o seu dia-a-dia, o educador poderá formular como quiser, como melhor lhe servir (...) (OSTETTO, 2012, p. 9).

Outro aspecto fundamental para o trabalho na educação infantil, não menos importante, é a organização dos espaços. O espaço fala. Observá-lo e organizá-lo auxilia enormemente no aprendizado da criança. Ali há vida. Tudo precisa ser flexível, possibilitando o uso de espaços de modo polivalente, tendo sempre uma sala de apoio (ou sala fixa). No caso dos bebês, é necessária uma sala onde eles fiquem tranquilos e também possibilitar que saiam desse ambiente para ter contato com outras crianças, com adultos e com outros ambientes, tais como: jardim, parque, eventos com os pais, etc. internamente deve haver espaço para a criança se movimentar sem dificuldade, bem como externamente, promovendo corridas, movimentação, tomar banho de sol com alguma atividade, colocar os pés no chão, desenvolver a motricidade. Importante é estabelecer um tempo para cada coisa, evitando confusões, contratempos e até intrigas entre professores. Aqui entra a questão dos “combinados” com as crianças e o planejamento entre as professoras. É importante levar em conta o acesso aos brinquedos e demais recursos didáticos e

pedagógicos, procurando variar o tipo de brinquedo para sair da mesmice, sabendo usar e organizar o material que está no espaço de criativa e lúdica. Cuidados básicos com colchão, janelas, tapetes, carteiras é essencial para o bem-estar e predisposição da criança. Prestar atenção nos recursos materiais se são adequados e seguros para as crianças. Há detalhes fundamentais nesse sentido; por exemplo: o brinquedo deve ser grande para as crianças pequenas e pequeno para as maiores.

Segundo Pietrobon (2010, p. 78) “O espaço da sala de aula deve contemplar o conceito de liberdade contextualizada, ambiente planejado com opções de atividades determinadas e claras, oportunizando à criança livre escolha de ação”. Nesse sentido, a escolha do material e do ambiente a ser utilizado nas aulas deve ser levada em conta na hora de planejar. Se fizermos um projeto de uma nova creche ou pré-escola, não podemos esquecer-nos de incluir a enfermaria ou consultório no prédio, bem como uma sala para conferências com os pais e outras pessoas ligadas à escola ou à criança, pois são importantes para um melhor atendimento das crianças e seus familiares.

É importante considerar que o espaço não se constitui apenas das coisas materiais, mas também das pessoas e das relações que aí se estabelecem, formando assim um ambiente permeado de teias relacionais complexas e interativas. Segundo Forneiro (1998, p. 232-233):

> O tempo espaço refere-se ao espaço físico, ou seja, aos locais para a atividade caracterizados pelos objetos, pelos materiais didáticos, pelo mobiliário e pela decoração. Já o termo ambiente refere-se ao conjunto do espaço físico e às relações que se estabelecem no mesmo (os afetos, as relações interpessoais entre as crianças, entre crianças e adultos, entre crianças e sociedade em seu conjunto.

A adaptação da criança não acontece da noite para o dia, “(...) é um processo gradativo, contínuo que dependerá do entrosamento do educador com as crianças” (PIETROBON, 2010, p. 71); dessa forma, é preciso considerar o contexto, a família, as relações que a criança estabelece, sabendo usar uma linguagem que apresente a escola como lugar seguro e dinâmico. Para isso, o professor deve estar preparado

emocional e profissionalmente. O que fazemos muitas vezes é nos preocupar com os cartazes, calendário e tantas outras coisas ao invés de se preparar humanamente para acolher os alunos. Assim, a adaptação se refere também ao professor, pois muitos não conseguem se adaptar ao mudar de sala, sentem medo, ansiedade, insegurança. Daí a importância de o professor fazer experiência em níveis diferentes da educação infantil para evitar esse tipo de situação.

O professor deve ter firmeza e postura ao receber a criança, ao falar com os pais e ao conduzir sua sala. Se isso ocorre, certamente terá um bom relacionamento com as crianças, com a família desta e com os outros professores. Ser afetivo não significa passar a mão na cabeça a todo instante, mas colocar regras pedagogicamente, sem deixar a criança dominar a situação.

É preciso criar estratégias para ajudar a criança a se desenvolver, evitando o estancamento ou obstáculos para o aprendizado. Dicas importantes: criar ambiente entre professor e aluno que possibilite uma boa relação entre ambos; saber lidar com as personalidades; adaptar-se para saber lidar com cada criança; cuidar para não desenvolver comportamentos difíceis de serem acompanhados posteriormente; dialogar com a criança; promover e possibilitar a "(...) construção da autonomia; a cooperação; o enfrentamento e a solução de problemas; a responsabilidade; a criatividade; a formação do autoconceito estável e positivo; a comunicação e expressão em todas as formas" (PIETROBON, 2010, p. 81).

A adaptação da criança ocorre de modo gradual e planejado. O professor também deve se adaptar, permitindo-se fazer experiência nos vários níveis de ensino. "O processo de adaptação (...) é um momento de aprender a integração com o outro, com o novo, de participar co outras crianças e adultos (...)" (PIETROBON, 2010, p. 72). O educador precisa estar consciente de que deve estabelecer regras de modo pedagógico, bem como estratégias e ambientes interativos, que favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno e possa ter uma relação sólida e confiante com ele. Enfatizamos a importância de envolver as crianças por meio das diferentes linguagens de modo interativo no espaço e no tempo de maneira ordenada e planejada. Uma das formas de interagir com os pequenos é a contação de estórias, uma forma divertida, lúdica e prazerosa de se aprender, que trabalha a imaginação, a criatividade e a espontaneidade da criança e sua atenção,

memorização e compreensão de mundo e de leitura deste, sendo capaz dizer a sua palavra, como afirmava Paulo Freire, na sua pedagogia.

Algumas considerações

A disciplina de “Saberes e Fazeres na Educação Infantil” proporcionou-nos uma visão mais clara do trabalho com as crianças pequenas. Percebemos que o ensino não está só no brincar ou apenas no planejamento, é preciso ter uma proposta clara e dinâmica, adentrando no contexto da criança, na sua realidade, sem subterfúgios, evitando cair na mediocridade. Entendemos que os saberes devem estar ligados aos fazeres, que a prática do professor deve estar embasada numa teoria, proporcionando a ação-reflexão-ação no contexto da prática de ensino-aprendizagem. Aprendemos que no âmbito da educação infantil, o professor também aprende com a criança, pois ela traz consigo uma bagagem que herdou da família, como por exemplo, costumes e hábitos.

As aulas e as orientações dadas permitiram fazer uma análise da realidade em que trabalhamos, confrontando ideias e práticas ali vivenciadas com as informações e relatos de colegas e da própria professora (que tem grande experiência na área). Essa interação em sala foi fundamental para rever posturas e práticas adotadas e observadas no nosso dia-a-dia como educador e acompanhar as professoras em sala, estabelecendo conversas com a coordenadora da educação infantil do Município de Assaí, em que somos responsáveis. Hoje temos um olhar diferente do processo de ensino aprendizagem na educação infantil. A visão agora é de que é possível trabalhar conteúdos e linguagens sem precisar ensinar tudo de modo a tornar precoce o ensino ou a pular etapas no decorrer da prática educativa, didática e pedagógica das crianças.

Referências

FORNEIRO, Lina Iglesias. **A Organização dos Espaços na Educação Infantil.** In: ZABALZA, Miguel. Qualidade em educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 1998.

_____. **Aprendizagem e desenvolvimento na perspectiva histórico-cultural.** s/d.

KRAMER, Sônia. **De que professor precisamos para a educação infantil?** In: Revista Pátio Educação Infantil, ano I, n. 2. Rio de Janeiro, Ago/Nov 2003.

MELLO, Suely Amaral. **Infância e Humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural.** In: Revista Perspectiva, v. 25, n. 1. Florianópolis, Jan/Jun 2007.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Planejamento na Educação Infantil: mais que atividade. A criança em foco.** 2012

PIETROBON, Sandra Regina Gardacho. **A adaptação da criança no tempo e no espaço da Educação Infantil e o trabalho com as diversas linguagens.** In: Fundamentos da Educação Infantil. Guarapuava: Ed. da Unicentro, 2010.